

O EFEITO DO PESO DOS CONSTITUINTES PROSÓDICOS NA DESAMBIGUAÇÃO DE ORAÇÕES RELATIVAS REDUZIDAS¹

Aline Alves Fonseca²

alineafon@yahoo.com.br

RESUMO: No presente trabalho assumimos que, apesar de não haver um isomorfismo entre estruturas sintáticas e prosódicas, essas estão mutuamente relacionadas. Certos aspectos sintáticos são motivadores da formação de constituintes prosódicos, mas a estrutura prosódica dada a uma sentença também pode alterar o fraseamento sintático e, conseqüentemente, direcionar a interpretação em casos de ambigüidades estruturais. As sentenças relativas reduzidas (que podem ser esquematicamente traduzidas para: SN1-V-SN2-Atributo) geram uma ambigüidade de aposição local ou não-local do atributo que só pode ser desfeita em favor da aposição não-local em casos de prosódia marcada por pistas duracionais (de segmentos e pausas) e entoacionais. No entanto, a inserção de tais pistas nem sempre forma uma estruturação em constituintes prosódicos adequada. Os ouvintes são capazes de perceber a intencionalidade da marcação prosódica e levam tal fato em consideração para a interpretação de sentenças. Pistas prosódicas bem marcadas são direcionadoras da interpretação sintática e podem conduzir a desambiguação, no entanto, tais pistas precisam estar em sintonia com a cadência prosódica e a euritmia da língua para que os ouvintes não interpretem a pista como um possível engano cometido pelo falante na produção.

PALAVRAS-CHAVE: fonologia prosódica; fonologia entoacional; ambigüidade; percepção.

INTRODUÇÃO

A partir dos trabalhos pioneiros que originaram a chamada Fonologia Prosódica como Selkirk (1984, 1986) e Nespor e Vogel (1986), vários estudos em diversas línguas já demonstraram que são os domínios prosódicos (e não os sintáticos) os ambientes para regras fonológicas e que são também limitadores para a não-ocorrência de outras. A divisão da

¹ Agradeço muitíssimo os valiosos comentários da Professora Marina Vigário (FLUL) que ajudaram na organização e desenvolvimento desse trabalho e a orientação do Professor José Olímpio de Magalhães (UFMG) sem os quais esse artigo não seria possível. Agradeço, também, os ricos comentários dos pareceristas da Revel que me fizeram refletir sobre outros aspectos e outros pontos de vista da interferência da prosódia na organização sintática de sentenças. Qualquer incorreção que possa estar aqui presente é de minha inteira responsabilidade.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / Bolsista CAPES. Colaboradora integrada ao Laboratório de Fonética do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. CLUL/LabFon.

prosódia em uma hierarquia de constituintes, apesar de não se justificar igualmente em todas as línguas, encontra fortes evidências tanto para questões de ritmo e interpretação, no que se refere aos constituintes superiores, como para questões fonológicas de ressilabificação e sandhi (dentre outras) nos constituintes de níveis inferiores. Por outro lado, apesar de não haver um isomorfismo entre constituintes sintáticos e prosódicos, estes não são completamente independentes. Na compreensão, o fraseamento prosódico pode direcionar a estruturação sintática de sentenças e inclusive servir como guia da interpretação, assim como certos aspectos da sintaxe podem determinar a estruturação dos constituintes prosódicos. De acordo com a *The rational speaker hypothesis*, proposta por Clifton, Carlson e Frazier (2002) os falantes empregam a entoação de maneira consistente com a intenção da mensagem que pretendem transmitir e os ouvintes interpretam a entoação assumindo tal intenção, ou seja, que os falantes não fazem suas escolhas prosódicas sem razão (e que essas razões são escolhas racionais, ou seja, são planejadas para o efeito pretendido). No caso de sentenças ambíguas, em que são possíveis duas estruturas sintáticas diferentes para uma mesma sequência de palavras, a prosódia serve como caminho desambiguizador e pode até contrariar uma interpretação que é tida como *default* para a estrutura. Esse é o caso que investigamos. A estrutura sintática da frase relativa reduzida, que pode ser esquematizada como: SN1-V-SN2-Atributo, apesar de ser sintaticamente ambígua para a ligação do Atributo entre o SN1 e o SN2, como em: (i) *O rapaz abraçou o amigo suado*, possui uma interpretação *default* que se dá por razões de economia e de proximidade, guiadas por princípios psicolinguísticos como *Late Closure e Minimal Attachment*³ (Frazier, 1979). Em estudo anterior (Fonseca 2008) vimos que os falantes, quando querem que o ouvinte interprete a sentença com o sentido não *default*, usam pistas prosódicas de duração (de segmentos e de pausas) e de modulações da F0 como marcadores de fronteiras intencionais, e que os ouvintes são capazes de interpretar tais pistas prosódicas na compreensão. No entanto, observamos no presente estudo, que nem todas essas estratégias prosódicas possuem um efeito de peso suficiente para que a divisão dos constituintes seja bem formada ao ponto de direcionar a interpretação do ouvinte sem causar-lhe um estranhamento. Os estudos de Frota (2000), Frota e Vigário (2001) e Vigário (2003), para o Português Europeu, demonstraram que há regras de balanceamento e proeminência dos constituintes prosódicos dentro de uma sentença; o tamanho dos constituintes e questões de

³ *Minimal Attachment* (Aposição Mínima): “Attach incoming material into the phrase-marker being constructed using the fewest nodes consistent with the well-formedness rules of the language under analysis.” (Frazier, 1979: 24)

Late Closure (Encerramento Tardio): “When possible, attach incoming material into the phrase or clause currently being parsed.” (Frazier, 1979: 33)

foco interferem no peso prosódico desses dentro da estrutura, não havendo, assim, uma total liberdade de ordenação. Veremos neste artigo que, as questões de peso dos constituintes prosódicos que interferem na euritmia da língua, são importantes para a aceitação / não-aceitação pelos ouvintes de pistas prosódicas como “direcionadoras” da interpretação. Para tal, na próxima seção, faremos uma breve revisão do enquadramento teórico que guiou nossa análise dos dados. Na seção 2, descrevemos o trabalho de Magalhães e Maia (2006), precursor dessa pesquisa, e o experimento realizado no âmbito do nosso mestrado (Fonseca, 2008). Na seção 3, temos a análise dos dados que se difere daquela realizada em 2008 num ponto fundamental: o efeito do peso dos constituintes prosódicos. Na seção 4, sem a pretensão de fecharmos toda a questão que cerca os estudos de interface sintaxe/fonologia prosódica, apresentamos nossas conclusões.

1. QUADRO TEÓRICO

Frota (2000) propõe algoritmos para a construção dos sintagmas fonológicos (\square) e sintagmas entoacionais (I) no PE, a saber:

(1) *Sintagma Entoacional (I) no PE:*

a) *é formado por todos os \square s da cadeia que estão ligados a uma estrutura sintática arbórea.*

b) *engloba também os \square s adjacentes ligados a uma mesma frase-raiz*

c) *os constituintes incluídos em um I devem possuir uma relação cabeça/complemento.*

d) *Condições de peso nos Is: sintagmas fonológicos longos tendem a ser divididos em \square s balanceados ou, o \square mais longo na sequência tende a assumir a posição mais a direita de I, preferencialmente (posição proeminente neutra).*

(2) *Sintagma Fonológico (\square) no PE:*

a) *é formado por uma cabeça lexical (XLex = N, V, A, Adv) e todos os elementos do seu lado não-recursivo, dentro da projeção máxima da XLex.*

b) *Condições de ramificação (ou peso) nos \square s: um \square deve conter, preferencialmente, mais material do que uma única palavra prosódica (ω).*

c) *se houver a associação de um acento tonal ao \square , o acento recairá sobre a cabeça de \square , que é o elemento mais a direita.*

Tais condições de boa formação foram construídas a partir da observação de diversas estruturas no PE, assim como em outras línguas e foram corroboradas pelos contornos entoacionais encontrados na produção dos diferentes padrões de leituras neutras e focalizadas em um grande número de pesquisas realizadas posteriormente (no que diz respeito à distribuição e a natureza de acentos tonais e tons fronteira nas sentenças). Uma dessas pesquisas, que traz evidências importantes sobre a não independência da sintaxe em relação à prosódia, é o estudo de Frota e Vigário (2001). As autoras assumem que aspectos da estrutura sintática superficial podem determinar a estrutura prosódica, no entanto, a prosódia também pode restringir certas ordens de palavras e sintagmas dentro de uma estrutura. A restrição em causa se refere a questões sintáticas de movimento, entendido como uma reordenação de constituintes em relação à sua ordem básica, e fatores de ordem semântico-discursiva, tendo como ancoragem prosódica uma questão de peso e proeminência: *o constituinte relevante mais a direita na sequência segmental deve ser pesado* (2001: 316). *Um constituinte é pesado sse: é fonologicamente ramificado (i.e. constituído por mais material do que o constituinte prosódico anterior na hierarquia) ou é portador de propriedades de proeminência que o distingam dos restantes (e.g acento de foco prosódico)* (2001: 320). As estruturas investigadas pelas pesquisadoras foram: a reordenação dos complementos de um VP (de NP>PP, para PP>NP), a topicalização e a inserção de parentéticas.

Frota e Vigário (2001) demonstraram que a ordem NP>PP (ordem canônica) só pode ser invertida, e há uma forte preferência pela inversão, se o NP for fonologicamente pesado (longo ou focalizado) como em:

(3) *A Ana comprou [ao Pedro] [o quadro do vencedor do concurso]*

(4)??* *A Ana comprou [o quadro do vencedor do concurso] [ao Pedro]*

Mesmo na ordem canônica, é preciso que os constituintes sigam as restrições de peso e proeminência. Para que a ordem em (4) seja bem aceita é necessário que o PP esteja focalizado, assim ele se torna pesado o suficiente para ocupar a posição proeminente de I. Se ambos os complementos tiverem o mesmo tamanho, a focalização também confere peso suficiente ao NP para a inversão da ordem canônica:

(5) *A Ana comprou [ao Pedro] [O QUADRO] (e não o livro)*

Nos casos de topicalização, foi observado que o I que corresponde à frase da qual o constituinte topicalizado foi extraído tem que possuir uma cabeça pesada, i.e. o seu □ mais a direita tem que ser pesado. (p. 321) Vejamos os exemplos:

(6) *Expusemos aos nossos orientadores as dúvidas que tínhamos*

- a. ??* [As dúvidas que tínhamos]I [aos nossos orientadores]I [expusemos]I
- b. [As dúvidas que tínhamos]I [aos nossos orientadores]I [(expusemos detalhadamente) □]I
- c. [As dúvidas que tínhamos]I [aos nossos orientadores]I [EXPUSEMOS]I (não escondemos).

A ramificação do □ que forma o I à direita da parentética em (6b) e a focalização do □ no caso (6c) conferem peso suficiente aos I de maneira que a euritmia da leitura não causa estranhamento. No entanto, em (6a) o desbalanceamento dos Is causam um estranhamento na leitura.

Na inserção de parentéticas foi observado que: o I adjacente à direita ao I da parentética tem de possuir uma cabeça pesada, i.e. o seu □ mais a direita tem que ser pesado (p. 323). Vejamos mais exemplos:

(7) ??* [O João comprou]I, [segundo me disseram]I, [livros]I

- a. [O João comprou]I, [segundo me disseram]I, [livros caros]I
- b. [O João comprou]I, [segundo me disseram]I, [LIVROS]I (e não revistas)

Aqui, o peso relativo das parentéticas não interfere, mas sim o peso do(s) □(s) que formam o I adjacente à direita que pode ser dado por questões de tamanho (possuir mais material do que uma única palavra prosódica) ou por focalização.

Vigário (2003) estudou, para o PE, as propriedades prosódicas capazes de desfazer ambiguidades, ou de favorecer uma dada interpretação em diversos tipos de estruturas como: a aposição de advérbios, de adjuntos e de complementos preposicionais; orações não-restritivas com possibilidade de aposição a antecedentes locais e não-locais; e orações relativas ambíguas quanto ao seu significado restritivo/ não-restritivo. Para todos os casos estudados, as propriedades sintáticas no nível dos sintagmas entoacionais (Is) tiveram um

sensíveis as possíveis intenções dos falantes para a inserção de uma fronteira prosódica. Se as fronteiras prosódicas são inseridas entre constituintes curtos, os ouvintes assumem, intuitivamente, que essas possuem uma intenção/função interpretativa, já no caso dos constituintes longos, as fronteiras prosódicas podem ter sido inseridas por questões de fluência e euritmia da leitura e são, portanto, menos percebidas como direcionadoras da interpretação. Os pesquisadores assumem que os ouvintes são capazes de compreender quando uma fronteira prosódica pode ter múltiplas justificativas e que prestam atenção não só no que é produzido pelo falante, mas também nas intenções que o falante teria para tal produção, corroborando a *The rational speaker hypothesis* formulada em estudo dos mesmos autores em 2002.

2. O EXPERIMENTO

As sentenças relativas reduzidas (de estrutura sintáticas do tipo SN1-V-SN2-Atributo), como em:

(11) O rapaz abraçou o amigo suado (redução de “O rapaz abraçou o amigo que estava suado”)

tornam-se ambíguas na sua forma reduzida, podendo o atributo ser caracterizador do SN adjacente (o objeto) ou do SN distante (o sujeito). Há uma preferência *default* de interpretação do atributo como sendo modificador do SN2, por questões de economia regidas por princípios de processamento mental de frases como *Late Closure* e *Minimal Attachment* (como visto na Introdução). Tal preferência de posição do atributo foi confirmada em experiência realizada por Magalhães e Maia (2006), no entanto, os pesquisadores observaram que, quando o informante interpreta a sentença com o atributo sendo modificador de SN1, ele marca prosodicamente essa interpretação, utilizando pistas de focalização com elevação do pitch, alongamento e pausas. Para checar essa questão, realizamos, no âmbito de nossa pesquisa de mestrado (Fonseca 2008), dois experimentos, um experimento de produção e um experimento de percepção. No primeiro experimento, 4 informantes leitores foram divididos em dois grupos. Cada grupo lia 12 frases do conjunto com a instrução direcionando a interpretação para a posição não-local (G1: 1 a 12, G2: 13 a 24) e as outras 12 frases com a instrução direcionando a interpretação para a posição local. Vejamos exemplos das instruções utilizadas (neste experimento não foram usadas sentenças distratoras):

(12a) Leia a frase seguinte com a intenção de dizer que o rapaz está suado e abraçou seu amigo. “O rapaz abraçou o amigo suado”.

(12b) Leia a frase seguinte com a intenção de dizer que o amigo estava suado e foi abraçado pelo rapaz. “O rapaz abraçou o amigo suado”.

Após a análise acústica dos dados obtidos nessa tarefa, observamos que os informantes marcavam prosodicamente a aposição não-local do atributo com: pausas silenciosas entre o SN2 e o atributo; alongamento da sílaba tônica do atributo; e com picos de F0 no SN1 e no atributo simultaneamente.

Para testarmos se tais pistas prosódicas seriam realmente capazes de desambiguar as frases no sentido de uma aposição não-local, fizemos, então, um segundo experimento, agora de percepção com os seguintes materiais: as 24 sentenças de teste lidas de forma neutra, por um leitor treinado, foram manipuladas no programa Praat e tiveram as seguintes características realçadas e /ou inseridas:

- Pausas de 200ms foram introduzidas entre o SN2 e o atributo;
- A sílaba tônica do atributo foi alongada (duplicando a parte estável da vogal tônica)
- Picos de F0 na faixa de 300Hz foram introduzidos na sílaba tônica (e em alguns casos na pré-tônica) do SN1 e do atributo.

Tal manipulação foi motivada pela busca de evidências que comprovassem nossa hipótese de que o falante pode induzir o processamento sintático da sentença pelo uso explícito de pistas prosódicas, ou seja, que tais pistas prosódicas mudam o fraseamento prosódico da sentença, promovendo para o ouvinte um possível rearranjo sintático capaz de direcionar o processo de *parsing* e, conseqüentemente, de interpretação da sentença no sentido de uma aposição não-local.

Vejamos alguns exemplos de uma frase de teste com a leitura neutra e as pistas prosódicas manipuladas:

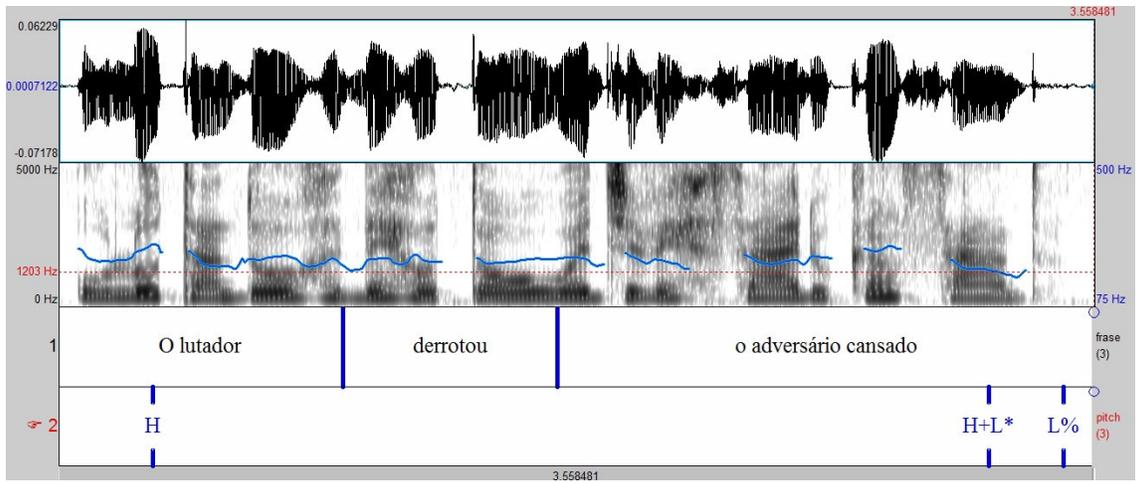


Figura 1: Leitura Neutra

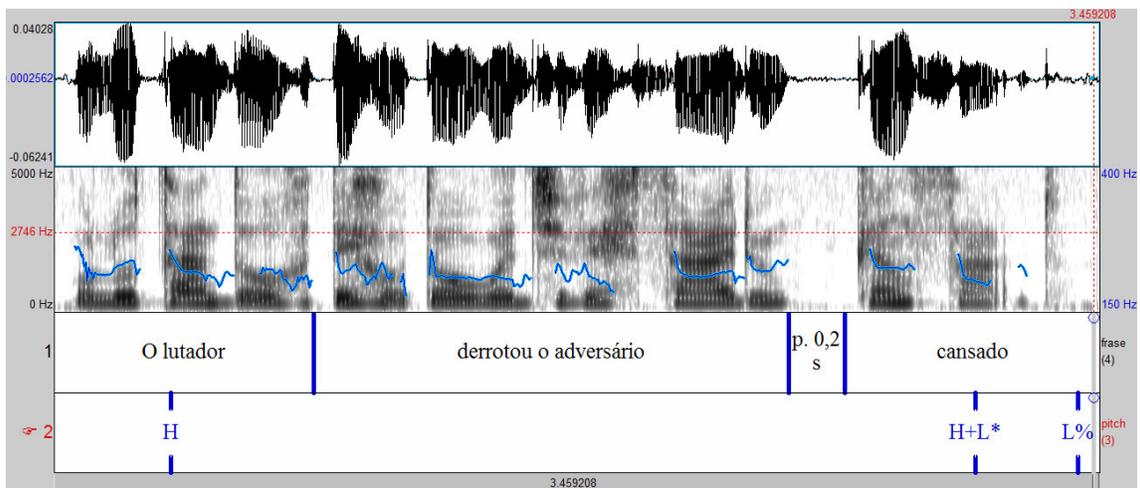


Figura 2: Pausas de 200ms foram introduzidas entre o SN2 e o atributo

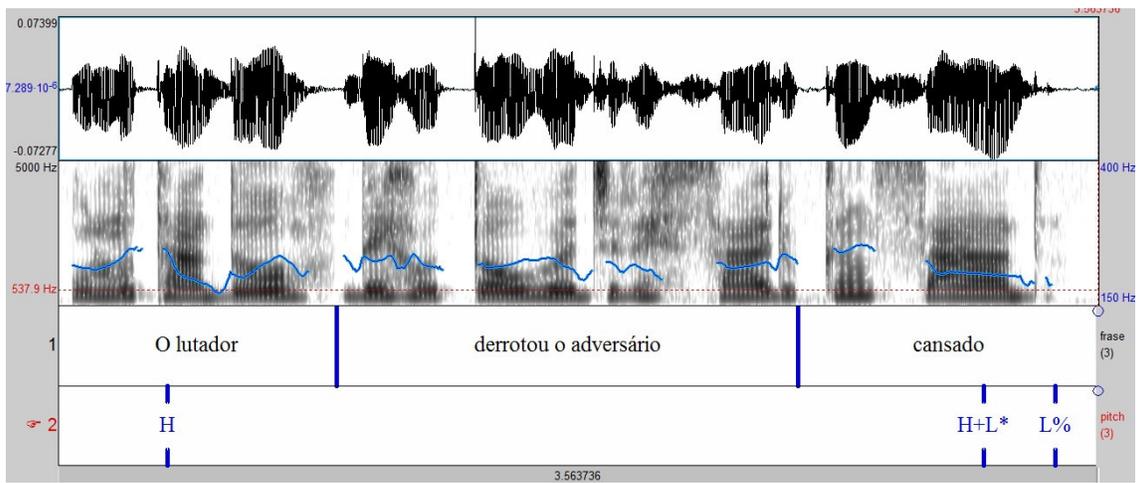


Figura 3: Atributo com a sílaba tônica alongada

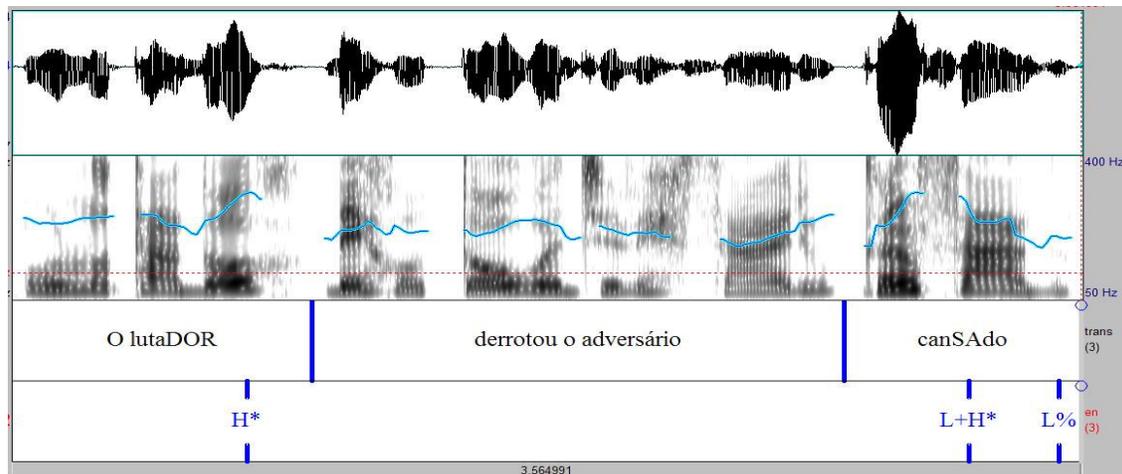


Figura 4: Picos de F0 na faixa de 300Hz introduzidos na sílaba tônica do SN1 e do atributo.

Como controle, também tivemos as 24 sentenças com a leitura neutra, assim tínhamos 96 frases de teste (24 sentenças X 4 condições) que foram distribuídos em 4 grupos experimentais por “quadrado latino”, ou seja, cada frase era vista por cada informante em apenas 1 das condições. O teste de percepção foi aplicado a 32 ouvintes, 16 homens e 16 mulheres, todos alunos universitários, através do programa DMDX. Os informantes, logo após ouvirem a sentença em questão, liam duas paráfrases para a frase ouvida, cada uma dessas paráfrases apontava a interpretação para uma das possíveis posições do atributo, e deveriam então escolher (utilizando um *joystick*) uma das opções. As opções de posição foram distribuídas entre as opções de respostas (a) e (b) em número semelhante, de forma que a primeira opção lida pelo informante não fosse sempre a mesma, evitando, dessa forma, o efeito de lista.

3. RESULTADOS E ANÁLISES

Na tabela abaixo segue os resultados de escolha de posição por condição (pista prosódica):

Pista	Aposição				
	*	A	B	Todos	
A (Alongamento)	2	130	60	192	P < 0,01
%	1,04	67,71	31,25	100	
F (F0)	0	138	54	192	P < 0,01
%	0	71,88	28,13	100	
N (Neutra)	3	97	92	192	P = 0,61
%	1,56	50,52	47,92	100	
P (Pausa)	0	127	65	192	P < 0,01
%	0	66,15	33,85	100	

Pearson Chi-Square = 25,722; DF = 6; P-Value = 0,000

Tabela 1: Resultados de Pista Prosódica X Escolha de Aposição pelos Informantes

Na leitura neutra, sem marcações prosódicas, temos que a interpretação local do atributo se dá não só por questões da sintaxe, de ligações mais econômicas em termos de processamento ou por proximidades dos elementos, mas também por questões de harmonia prosódica. Como vimos no quadro teórico, Frota (2000) descreve que há uma tendência ao balanceamento dos sintagmas fonológicos (\square) que formam um sintagma entoacional (I), não havendo tal balanceamento, o elemento mais pesado deve ocupar a posição proeminente, que é a posição mais a direita de I. A estrutura em causa, numa leitura neutra é formada por um sintagma entoacional (I) e três sintagmas fonológicos (\square), como em:

(13) [(O repórter) \square (entrevistou) \square (o político sozinho) \square]_I

Tal divisão segue os princípios de balanceamento e proeminência descritos por Frota (2000), e por Frota e Vigário (2001) uma vez que o \square mais pesado fica na posição de cabeça de I.

De acordo com os resultados obtidos em nosso teste perceptivo, podemos observar que a marcação prosódica inserida nas sentenças mudou o fraseamento prosódico e foi capaz de direcionar as escolhas de interpretação dadas pelos ouvintes para uma aposição não local do atributo, o que pode ser confirmado pelas escolhas de aposição vistas na tabela 1. No entanto, contrariamente ao que esperávamos a pausa inserida entre o SN2 e a atributo foi a pista prosódica menos aceita pelos ouvintes como marcação da fronteira entre esses elementos (66,15%). Tal fenômeno pode ser explicado por questões de peso dos constituintes e harmonia prosódica. Vejamos um exemplo de frase teste com a divisão dos constituintes prosódicos esquematizada a partir da inserção das pistas prosódicas:

(13a) ? [(O repórter) □ (entrevistou o político) □ // (sozinho) □] I

(13b) ?? [(O repórter) □ (entrevistou o político) □] I // [(sozinho) □] I

(13c) [(O rePÓRter) □ (entrevistou o político) □ (soZInho) □] I

(13d) [(O repórter) □ (entrevistou o político) □ (soziinho) □] I

Em (13a), com a inserção da pausa (//) entre o SN2 e o atributo, é formado um □ de uma única palavra prosódica (ω) não focalizada o que não lhe confere peso suficiente para ficar na posição proeminente de I. Poderíamos pensar que, com a inserção da pausa, o atributo pudesse formar um I independente, mas por questões de tamanho e hierarquia, um I deve ser formado, preferencialmente, por mais material do que um □, assim como o □ deve ser formado por mais material do que uma ω.

A inserção de um alongamento no atributo, como em (13d), conferiu peso ao □ mais a direita da estrutura, e apesar de ter sido uma boa pista para a interpretação não-local do atributo, não foi a preferida pelos ouvintes (67,71%). Acreditamos que, só o incremento na duração do segmento tônico, sem a mudança da natureza acentual, não é fator suficientemente forte para a focalização, o que pode ter gerado algum estranhamento pelos ouvintes.

Na estrutura em (13c), com os picos de F0 no SN1 e no atributo, o □ formado pelo atributo ganha peso de elemento focalizado podendo, então, ocupar a posição proeminente de I. A focalização do atributo gera uma fronteira bem formada entre ele e o SN2, e uma correta euritmia da cadeia prosódica, já a focalização do SN1 gera uma espécie de co-indexação dos acentos tonais e conseqüentemente uma ligação semântica dos constituintes focalizados. A focalização de dois elementos em um mesmo I não fere as regras de boa formação dos Is pois, como descrito por Fernandes (2007), o PB pode ter um acento tonal por □ e em alguns casos alternativos um acento tonal por palavra prosódica (ω). O teste perceptivo mostrou-nos que a estrutura entoacional de focalização é a melhor marcadora do fraseamento prosódico capaz de direcionar, em maior número (71,88% dos casos), a interpretação da sentença para uma aposição não local do atributo.

4. CONCLUSÕES

A partir da observação dos dados, vimos o quão sensível ouvintes podem ser em relação não só à estruturação prosódica de uma sentença, mas também às intenções do falante em sua produção. Assim como Clifton e colegas (2006), obtivemos resultados capazes de

corroborar a *the rational speaker hypothesis* (Clifton, et al 2002). Os ouvintes são capazes de perceber a intencionalidade da marcação prosódica e levam tal fato em consideração para a interpretação de sentenças. Pistas prosódicas bem marcadas são direcionadoras da interpretação sintática e podem conduzir a desambiguação, no entanto, tais pistas precisam estar em sintonia com a cadência prosódica e a eurritmia da língua para que os ouvintes não interpretem a pista como um possível engano cometido pelo falante na produção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CLIFTON, C., JR., CARLSON, K., & FRAZIER, L. Informative prosodic boundaries. *Language & Speech*, v.45, 2002, p. 87-114.
2. CLIFTON, C., JR., CARLSON, K., & FRAZIER, L. Tracking the what and why of speakers' choices: Prosodic boundaries and the length of constituents. *Psychonomic Bulletin & Review*. v.13 (5), 2006. p. 854-861.
3. FERNANDES, F. Tonal association in neutral and subject-narrow-focus sentences in Brazilian Portuguese: a comparison with European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. V. 5/6, 2007. p. 91-115.
4. FONSECA, A. A. *Pistas Prosódicas e o Processamento de sentenças ambíguas do tipo "SN1-V-SN2-Atributo" do Português Brasileiro*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG. (manuscrito) 2008.
5. FRAZIER, L. On comprehending sentences: Syntactic *parsing* strategies. PhD dissertation, University of Connecticut. 1979
6. FROTA, Sónia. Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing. 2000.
7. FROTA, S. & VIGÁRIO, M. Efeitos do peso no Português Europeu. *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, 2001. p. 315-333.
8. MAGALHÃES, J. O. & MAIA, M. Pistas prosódicas implícitas na resolução de ambiguidades sintáticas: Um caso de adjunção de atributos. *Revista da Abralin*, v. 5, n. 1, Dezembro 2006.
9. NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.
10. SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, MIT Press. 1984.

11. SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. *Phonology Yearbook* 3. p. 371-405. 1986.
12. VIGÁRIO, M. Prosody and sentence disambiguation in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, Vol. 2. Special issue on Romance Intonation (edited by Pilar Prieto). 2003, p. 249-278.

ABSTRACT: In this paper we assume that, although there is not isomorphism between syntactic and prosodic structures, they are mutually related. Some syntactic aspects lead to the formation of prosodic constituents, but the prosodic structure of a sentence can also change the syntactic phrasing and thus direct the interpretation in cases of structural ambiguities. The reduced relative clauses (which can be schematically translated to: NP1-V-NP2-Attribute) generate Late or Early Closure ambiguity of the attribute that can only be undone in favor of the Early Closure in cases of marked prosody for durational (segments and pauses) and intonational cues. However, the inclusion of such cues does not always form an appropriate structuring in prosodic constituent. Listeners are able to perceive the intention of the prosodic marking and take this fact into account when interpreting sentences. Well marked prosodic cues drive the syntactic interpretation and may lead to disambiguation. However, these cues need to be in tune with the prosodic rhythm and the language eurhythmmy so that listeners do not interpret the cue as a possible mistake made by the speaker's production.

KEYWORDS: prosodic phonology, intonational phonology, ambiguity, perception.

Recebido no dia 05 de junho de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 01 de agosto de 2010.